



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

PRINCESAS NEGRAS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL: IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO

Maria Albenize da SILVA

Universidade Federal de Campina Grande - albenizesoares@gmail.com

Ana Karla OLIVEIRA

Universidade Federal de Campina Grande – anaksillva@hotmail.com

Márcia TAVARES

Universidade Federal de Campina Grande - tavares.ufcg@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo analisa a obra *Omo-Oba: História de princesas*, da autora Kiusam de Oliveira, que mostra a tradição dos mitos africanos divulgados em comunidade Ketu¹, pouco conhecido pelo público em geral. O desenvolvimento da história se dá através das aventuras vividas por seis princesas de belezas exóticas e encantadoras, que expressam um conceito particular de corpo e identidade feminina, as quais podem representar não só a mulher negra, mas todo um público feminino em geral. Ciente da relevância da personagem princesa para a construção das identidades dos leitores, nosso trabalho tem como objetivo relacionar as princesas clássicas de matrizes europeias com as princesas afro-contemporâneas, e identificar os aspectos semelhantes e divergentes vinculados a estas representações, possibilitando desse modo, reflexões sobre a diversidade étnico-cultural e o ensino literário. Nos modelos analisados percebemos contextos socioculturais distintos, que influenciam diretamente na constituição (positiva ou negativa) da personagem princesa, daí evidencia-se a importância de um trabalho pedagógico reflexivo para a construção indentitária e conceitual de *empomderamento feminino*², ou seja, o reconhecimento do real valor da mulher na sociedade. Para atingir tais objetivos utilizamos como suporte teórico as contribuições dos textos de DÓRIA (2008); OLIVEIRA (2009) e KHÉDE (1990)

Palavras-chave: Princesas , Identidade , Representação , Ensino.

¹referente a uma nação/grupo religioso – candomblé - da Angola. ² O ato de conceder o poder de participação social às mulheres, garantindo que possam estar cientes sobre a luta pelos seus direitos.

1.Introdução

Os aspectos fantasiosos e lúdicos são elementos marcantes dos contos de fadas e contribuem para que a ampliação e a recepção de leitores dessas narrativas sejam os mais variados em diferentes faixas etárias e em diversas épocas. Com uma linguagem e estrutura simples essas histórias maravilhosas trazem temáticas que envolvem conflitos de poder, formação de identidade e promoção de valores permeados pelos elementos de ordem mágica. Por esse viés, o conto de fadas passa a ser visto como expressão da arte pela comunicação oral e escrita, já que relaciona um mundo simbolizado por representações de um real com o mundo imaginário construído na tessitura do texto literário.

Essa linha comunicativa do conto de fadas surgiu da necessidade de adequação dos textos de tradição oral, minimizando enredos controversos e polêmicos dos primeiros relatos voltados inicialmente para um público adulto. É necessário frisar que o público infantil existia em relação ao mundo adulto de maneira nivelada, uma vez que para essa sociedade a infância não se constituía em uma fase distinta da vida humana com suas peculiaridades e adequações. A partir das necessidades da sociedade burguesa sobre a domesticação e alfabetização de seus pequenos, aconteceram as primeiras modificações nas narrativas existentes da época. Sonia Salomão Khéde (1990) afirma que os primeiros contos de fadas têm registro entre os séculos XVII e XIX, na França, organizados pelo poeta e advogado Charles Perrault. As histórias do nobre francês tinham origem na tradução oral, com enredo direto e realista, o maravilhoso não era o centro desencadeador das ações, além disso, seus personagens representavam uma classe discriminada que conseguia ascensão pela inteligência, os contos mais conhecidos de Perrault são “Chapeuzinho Vermelho”, “A bela adormecida do bosque”, “Barba Azul”, “Pele de Asno” e “O Gato de Botas”.

Na primeira metade do século XIX em plena vigência da estética romântica e da valorização dos ideais burgueses, surgiram as narrativas copiladas pelos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm, que eram adaptações de relatos dos camponeses, seus enredos traziam como protagonistas personagens crianças em contos como “João e Maria”, “Chapeuzinho Vermelho” e o “Pequeno Polegar”. Este acervo clássico se completa com as histórias do dinamarquês Hans Christian Andersen, em que há muita relação com uma vivência social vista pelo maravilhoso, seus personagens revelam humor e apelo aos valores éticos, além de serem personificações de objetos e animais como em “O Soldadinho de Chumbo” e “O Patinho Feio”. Sonia Salomão Khéde defende ainda, sobre a tipologia dos personagens dos contos de fadas que são,

comumente, marcados por estereótipos: a bruxa malvada, a fada bondosa, o sapo que vira príncipe, a princesa frágil. Apesar dos personagens mirins começarem a participar de alguns contos, ainda eram vistos como representação de fragilidade e inocência, sendo assim os personagens mais recorrentes o príncipe e a princesa, que possuíam quase sempre papéis heróicos e exemplares dentro das narrativas.

O personagem é um componente determinante para que ocorra a identificação entre os gostos e valores dos leitores/crianças com o enredo, condicionando pela recepção do texto a fruição estética do leitor se presentifica através da ficção e assim se sentirá representado. Nesse sentido, as histórias clássicas podem ser grandes aliadas no processo de atribuição de sentido construído pela leitura, já que, ao serem contadas ou lidas as histórias proporcionam estímulos para a expressão corporal, socialização, expansão da linguagem e enriquecimento do conhecimento prévio ideológico e de gênero de forma prazerosa.

Nas versões contemporâneas, é comum, que os contos de fadas permaneçam com uma predominância de aspectos tradicionais em sua estrutura estética (foco narrativo, personagem, tempo, espaço e jogo de palavras) que contribui para coerência entre forma e temática, deixando pressuposto a visão de mundo do autor na construção de uma estrutura ideológica. E, é exatamente nesse aspecto de ordem ideológica que poderemos delinear algumas semelhanças e divergências entre esses textos tradicionais e os textos contemporâneos. Como sujeitos sociais os autores, seja dos contos de fadas clássicos ou dos contos contemporâneos, estão inseridos em realidades sócio histórica distintas, assim podemos observar como se constitui alguns personagens na estrutura das literaturas infanto-juvenis atuais. Nesse sentido, veremos através do construto dado ao personagem princesa como se revela essa estrutura estético/ideológica, pois reconhecemos que o texto literário deve ser composto por ambos os aspectos e concordamos com as palavras de KHÉDE (1990, p.7).

A linguagem literária é um duplo que não permite dissociar forma e conteúdo a partir de enfoques unilateralmente exteriores ou interiores. Não restam dúvidas que qualquer estudo teórico da literatura deverá passar pela investigação do projeto estético e do projeto ideológico de um autor ou de um período. (KHÉDE,1990, p.07)

Para tanto, refletirmos sobre as representações de princesas apresentadas na narrativa de Kiusam de Oliveira, *OMO-OBA: História de Princesas* (2009) buscando destacar o projeto estético e ideológico desse texto, que de maneira lúdica traz um recorte de mitos africanos comuns nas

comunidades de tradição Ketu e pouco conhecida pelo público em geral. Os enredos se desenvolvem por meio das aventuras vividas por seis princesas mostrando os ensinamentos necessários que sugerem um “empoderamento” e a emancipação feminina, segundo a autora. Com um público feminino como alvo, independente de etnia ou crença, os contos trazem uma linguagem simples, lúdica e fantasiosa e abrem possibilidades para trabalhar questões como: determinação, força interior, beleza, ousadia, solidão, aceitação, respeito e emancipação. Temos um texto que expõe não só as tradições das entidades sagradas africanas, mas que, sobretudo, mostra uma concepção de princesa diferente das princesas clássicas europeias, adaptadas, posteriormente pela indústria do entretenimento.

Sobre essas representações, da personagem princesa, observamos o surgimento e o reconhecimento de outras etnias, como é o caso das princesas de etnias africanas e orientais (Tiana e Mulan) ampliando os horizontes dos expectadores\leitores, mas quando observamos o espaço atribuído a estas personagens dentro da história, fica claro a necessidade de uma reflexão sobre as narrativas, como por exemplo, o estereótipo dado a princesa Tiana (negra) do filme *A princesa e o sapo*, esta personagem passa grande parte da história pobre e transformada em sapo, só ganham *espaço* com o glamour de uma princesa no final, portanto, seu papel não ganha a visibilidade deveria.

Este espaço, dado ao protagonista negro na matriz europeia é alvo de estudos no Brasil, que observam o papel desempenhado, a relação social, os traços descritivos e o desfecho das histórias protagonizadas por negros nas literaturas infanto-juvenis. Para OLIVEIRA (2009, p.161) “é perceptível o aumento de publicações (e/ou reedições) de obras literárias infanto-juvenis contendo protagonistas negros, os situando em espaço sociocultural diversificado: a África e a diáspora nos últimos tempos”, essas obras tratam de um modo geral de heróis brasileiros e africanos, de religiosidade de matrizes africanas e as mitologias dos orixás.

2. Princesas afro-contemporâneas: Identidade e Representação

As representações sociais do negro no Brasil são, frequentemente, associadas à estereótipos negativos que causam exclusão desse grupo, promovendo deliberadamente a população branca, como detentora de condições intelectuais, estéticas e morais para representar os seres humanos do planeta. Com isso, o conceito de etnia é por vezes confundido com atitudes racistas, que, por sua vez, remota a um conjunto de imagens pejorativas associadas aos

negros. Esse tratamento gera, conseqüentemente, problemas gravíssimos no processo de construção de identidade do sujeito, (depressão, isolamento, marginalização) causando sequelas muitas vezes irreversíveis. Diante dessa situação, há uma grande expectativa nas literaturas contemporâneas, e a literatura infanto-juvenil é vista como uma grande aliada, para dá visibilidade à alguns problemas gerados por atitudes racistas, com chances de colaborar por sua vez, para uma construção indentitária positiva do sujeito infante. De modo que, quanto maior for à diversidade de representações nas obras, maiores serão as possibilidades de identificação e autovalorização do leitor negro com o texto e com suas origens, uma vez que, “a multiplicidade de personagens e posicionamentos é o que permite o texto apresentar uma visão dinâmica da identidade como uma busca”. (KHÉDE, 1990, p.64). Sobre essa visão dinâmica do texto, a qual a autora defende, podemos dizer que a literatura infanto-juvenil brasileira tem apresentado obras que vão de encontro com antigas reivindicações dos movimentos sociais, promovidos pelos grupos menos favorecidos da sociedade, como negros índios, gays e pobres como um todo.

E, é nesse atual panorama de mudanças que surgem às literaturas de temática afro-brasileira com autoras negras, que trazem, muitas vezes para seus textos relatos de experiências vividas por elas ou alguém próximo, sendo, em muitos casos, o personagem e narrador de sua própria história. Ao destacar o negro como protagonista essas autoras, reafirmam os direitos da comunidade negra (a preservação da cultura, segurança, educação e saúde de qualidade) enquanto seres humanos.

3.0 Kiusam de Oliveira e as narrativas que exaltam a beleza negra

Dentre as autoras brasileiras que escrevem sobre temáticas com uma perspectiva centrada nas relações étnico-africanas, destacamos o trabalho da escritora Kiusam Regina de Oliveira, autora dos livros *Omo-Oba: Histórias de Princesas* (Mazza, 2009), *O mundo no Black Power de Tayó* (Peirópolis, 2013), *O Mar que Banha a Ilha de Goré* (Peirópolis, no prelo), *Omo-Oba: Histórias de Príncipes* (Global, no prelo). Kiusam de Oliveira é doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, contadora de histórias. Bailarina, coreógrafa, professora de danças afro-brasileiras, pedagoga com habilitações em Orientação Educacional, Administração Escolar e Deficiência Intelectual. Em suas narrativas a autora apresenta respostas à problemática em relação a população e a criança negra como personagem desse tempo, como protagonista de sua própria história, e com uma estética que deve ser valorizada.

A obra *OMO-OBA: Histórias de Princesas* (2009) é

ilustrada por Josias Marinho e apresenta seis histórias de orixás femininos crianças. Em cada narrativa é apresentado um modelo dos orixás³, dando ênfase as suas características principais, ligadas ao mágico e ao maravilhoso, baseadas nas fontes tradicionais em que orixás femininos são apresentados em forma de princesas e que trazem marcas de sabedoria, beleza e “empoderamento”.

Para que o aspecto religioso da obra busque atender a comunidade afro-brasileira que têm um respeito à ancestralidade das manifestações africanas, tomando a religião como à base de todo legado do povo negro, há um grande investimento no colorido da obra, tanto no que se diz das ilustrações, como a diagramação das páginas, evidenciando cores fortes (vermelho, amarelo e verde) que remontam a alegria desse povo, além de seus objetos e costumes. Reafirmando a estética do corpo negro, do ser mulher negra, pelos orixás femininos (princesas) na fase de criança, distribuídas nos contos Oiá e o Búfalo interior; Oxum e seu mistério; Iemanjá e o poder da criação; Olocum e o segredo do fundo do oceano; Ajé xalungá e o seu brilho intenso; e Oduduá e a briga pelos setes anéis. Assim, desses seis contos, selecionamos para nossa análise, *Oduduá e a briga pelos setes anéis*, por oferecer elementos como, categoria de gênero, identidade, corpo negro e cultura.

3.2 Princesa no Conto “Oduduá e a Briga Pelos Sete Anéis”.

No conto, “Oduduá e a briga pelos sete anéis” a protagonista Oduduá, é uma princesa guerreira de beleza rústica e que não gosta de se enfeitar, desde criança seus principais desejos eram ficar para sempre morando em sua cabaça e possuir sete anéis. Oduduá vivia com seu lindo príncipe Obatalá. O papel desempenhado por Oduduá dentro do enredo é muito forte, pois revela uma busca intensa da princesa por seu espaço, enquanto mulher na sua cabaça (casa). A partir desse desejo da princesa o enredo atinge o ponto máximo (clímax), pois a interação entre ela e seu príncipe torna-se difícil, já que Oduduá questiona o príncipe e se nega a continuar submissa as suas ordens, como percebemos no seguinte trecho da fala da princesa: –“Príncipe Obatalá eu não aceito mais essa imposição sobre mim. Não é porque você é homem que deve ter a sua vontade atendida. Sou mulher e tenho meus direitos do mesmo jeito que você os tem. ” (OLIVEIRA, 2009, p.45).

³Nome comum e genérico atribuído às divindades africanas que foram trazidas ao Brasil pelos negros escravizados.



Após essa fala da princesa o príncipe se nega a ceder o lugar para Oduduá, então os dois brigam intensamente. Até que a cabaça em que eles estavam se parte em dois pedaços e a parte que estava com o príncipe é lançada para o céu e a parte que estava com a princesa fica na terra, e assim o conto chega ao seu desfecho, com a princesa satisfeita por ter conseguido seu espaço, apesar de ter ficado sem o príncipe. O narrador encerra o conto por uma perspectiva mágica e mítica, através do seguinte trecho: “– E foi assim que o céu e a terra se separaram”. (OLIVEIRA, 2009, p.45).

OMO-OBA: História de Princesas (2009) surge em um momento de fortes discussões sobre os direitos da comunidade negra na, em veículos de comunicação, instituições educacionais, e até mesmo na política começam a surgir representações e movimentos a favor desse povo. Com a aprovação da lei 10.639\03 que versa sobre o ensino da história e cultura negra na formação da sociedade brasileira, a lei propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Por exemplo, os professores devem ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira como constituinte e formadora da sociedade brasileira, na qual os negros são considerados como sujeitos históricos, valorizando-se, portanto, o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros, a cultura (música, culinária, dança) e as religiões de matrizes africanas.

Esse aumento de discussões, também é refletido sobre a literatura infanto-juvenil brasileira que aos poucos começa a se adequar as necessidades desse grupo, sabemos que essas modificações não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se tem um acervo literário baseado em contos tradicionais clássicos europeus, oriundo de uma sociedade burguesa com valores “homogêneos”, e que apesar de não representar o povo brasileiro foi\é o modelo assumido por nossa sociedade por muito tempo. Considerando que neste modelo de narrativa as figuras de reis, rainhas, príncipes e até mesmo da plebe era constituída por pessoas de pele clara a figura do negro era inexistente.

Na literatura brasileira o negro só começa a aparecer, a partir do século XIX, quando surgem às primeiras literaturas que trazem marcas singulares, como, por exemplo, uma qualidade crítica aos textos e uma linguagem nova, articulada entre narrativa e ilustração. Essas literaturas se constituem como o importante símbolo para a construção dos significados necessários de uma identificação, de acordo com (KHÉDE, 1990, p.57) temos nessas literaturas contemporâneas personagens que representam a busca de um novo papel social, a



crise de identidade e os desconcertos diante de valores velhos e novos que lhe parecem igualmente válidos.

No cerne dessas discussões, encontramos trabalhos de vários escritores que buscam dar ao negro o valor que por muito tempo lhe é merecido, ou seja, o de personagem principal e dono de sua história. Esses escritores carregam no seu enredo simbologias que remetem a cultura livre e colorida da África, em uma perspectiva que se contrapõe a não negra, apresentada na maioria das obras literárias para criança, para que esses sujeitos construam sua identidade com base nas suas origens. Neste sentido, torna-se relevante tratar o conceito de identidade como sendo aquele que pressupõe a diferença e a heterogeneidade e que não se encontra numa 'raiz' arqueológica. (KHÉDE, 1990, p.61).

Dentro dessa abordagem identitária, destacasse o trabalho de Kiusam de Oliveira. *OMO-OBA: Histórias de Princesas* (2009), essa obra marca uma preocupação da autora com a exaltação da beleza negra, somada a um conjunto de questões sociais com representações positivas, sobre o corpo, a cultura, a religião e, sobretudo, a questão de gênero que não está restrita apenas ao universo negro. A exaltação da beleza dos personagens contemporâneos também é características dos contos tradicionais, só que para a princesa clássica de matriz européia, essa é a única qualidade feminina. No entanto, muito mais que beleza e vaidade física, a autora de *Omo Oba*, apresenta a coragem e determinação como fortes atributos femininos, aspectos evidentes no conto "Oduduá e a briga pelos sete anéis" (p.43). Essa princesa não gosta de se enfeitar, além de ser consciente de sua beleza natural, busca lutar pelos seus direitos, dentro de uma sociedade machista, é muito ativa, possui papel decisivo para um desfecho, aberto, que deverá ser interpretado e preenchido mediante as leituras prévias e conhecimento de mundo do leitor.

Nesse conto, como os demais da obra, mesmo o vocabulário sendo específico da cultura africana ele não prejudica a mensagem do texto, pois há uma preocupação por parte da autora em explicar cada termo *a priori* desconhecido do público em geral, como por exemplo, o termo *adê*, posto por ela como *coroa de palha*. Esse tipo de organização torna a linguagem simples que, associada ao contexto e à prática de inferências, como também o levantamento de hipóteses pelo leitor. Essa leitura é delimitada logo no início da obra, quando ao finalizar a mensagem de apresentação Kiusam afirma: "que tudo se movimente" (Kiusam de Oliveira. 2009, p.07), ou seja, que após a leitura dessa obra o leitor se inquiete e tente de algum modo,

refletir e causar reflexão no outro.

Voltamos assim, ao ponto introdutório desse estudo, quando dizíamos que os contos tradicionais representam, a expressão da arte pela comunicação, já que relacionam representações culturais e mundo imaginário construído pela leitura/leitor. Nos contos contemporâneos percebemos que a função da arte se configura tanto na relação do imaginário/real, quanto na transmissão da mensagem, mas com toda certeza na provocação reflexiva do leitor a partir das descobertas proporcionadas pela leitura. Podemos reforçar nosso ponto de vista com a abordagem de MAGALHAES (1987,) sobre os conceitos de percepção do fenômeno estético e da mudança, da\ e pela arte.

Fundada no reconhecimento do anseio, por parte do artista de alargamento dos limites da representação, um encastelar-se em torno a si mesmo, na admissão da arte pela arte, não se justificaria. Um certo efeito é visado e participa da produção da obra; só que evita a aliança com o gosto vigente ou harmonização com o leitor. Pelo contrário, cabe-lhe provocar o estranhamento e, por meio do resultado surpreendente, aumentar a percepção do destinatário, desgastada pela repetição dos mesmos gestos no contexto cotidiano (MAGALHÃES, 1987, p.64).

De acordo com essa afirmativa, relacionamos a obra *Omo-Oba* de Kiusam de Oliveira, pois a autora escreve fundada nos anseios de seu povo tão castigado historicamente, o efeito lúdico da obra não é para tratar apenas de questões harmônicas e com “finais felizes” nem tão pouco para tentar maquiagem o lado triste da realidade desse povo. O aspecto lúdico reafirma que na cultura afro-brasileira, também existe magia e beleza e, é isto que a autora pretende provocar no seu leitor a percepção de reconhecimento e valorização de sua cultura.

Refletindo sobre a construção da identidade da criança negra, cuja perspectiva potencial é pautada, comumente, na valorização da estética branca, em que a ideia de superioridade do povo branco sobre o negro, tem servido de justificativa para espoliação dos bens simbólicos e materiais como ocorreu com os africanos escravizados no Brasil. Na maioria dos contos, temos possibilidades de criar estratégias pedagógicas, voltadas para: a questão do corpo negro, da cultura e de gênero, partindo das reflexões sobre os conflitos apresentados no enredo. Sobre a beleza estética, todas as princesas ou “orixás” tem características fortes na interação com o universo e com os homens nos momentos de luta por poder e valorização da mulher. Como por exemplo, os cabelos das princesas são pontos decisivos para a socialização, sobretudo para aquelas que guardam elementos fenotípicos dos negros africanos.

4. Considerações Finais

A obra *Omo-Oba* (2009) se constitui em uma inovação literária, pois não trata só do cotidiano de uma princesa dentro de um enredo fechado, ela dá a seu leitor a autonomia para criar sua própria história, sem deixar de tratar de questões sérias, como a desigualdade de gênero e preconceito contra o negro por seus traços físicos, assuntos tão delicados que remetem a toda uma história de sofrimento vivenciada por esse grupo.

É através da voz de uma especialista em educação infantil e em questões étnico-raciais, que podemos compreender de fato, que o negro pode, por mérito, assumir um lugar social sem necessariamente sofrer. Por outro lado, não queremos dizer, com isso, que a obra de Kiusam de Oliveira, fala de um mundo livre de práticas autoritárias e excludentes, como se tudo fosse lindo e mágico, infelizmente essas práticas ainda acontecem, no entanto em menor ocorrência. Tendo em vista que, mesmo apresentando princesas ousadas e corajosas, há em alguns contos, enredos que mostram a relação de desigualdade de gênero, e exclusão social que algumas princesas continuam subjugadas de maneira indireta. Tanto as princesas clássicas quanto as afro-contemporâneas apresentadas por Kiusam de Oliveira, refletem a mulher de uma época, em específico, com suas necessidades e desejos. Mulheres que dentro de seus limites conseguiram seu devido valor, mas que de acordo com os enredos da obra *Omo Oba* em que, nem tudo, termina bem para as princesas, como se ainda houvesse muito a se conquistar.

Para um leitor infante, essas questões não serão de imediato percebidas, mas ficarão no seu inconsciente para despertar no momento certo. Em especial a criança leitora negra que ao pegar o livro para ler vai se sentir representada, já que irá encontrar uma princesa parecida com ela. A obra provocará de imediato a recepção positiva com o leitor, e é esperado despertar posteriormente um gosto pela leitura e escrita de maneira crítica. Logo, essa criança (negra) perceberá que existem várias princesas inclusive de sua cultura, no caso das crianças brancas estas aprenderão desde cedo a respeitar as diversidades. As histórias permitem aos leitores compreender que não existem culturas melhores ou piores, podendo a literatura ser um ótimo meio para um embarque nas aventuras rumo ao imaginário de povos fascinantes, como são os africanos e outros.



5. Referências

DÓRIA, Antônio Sampaio. *O preconceito em foco: análise de obras literárias infanto-juvenis*. São Paulo: Paulinas, 1º Ed , 2008 ,p.24-25.

LEANDRO, Carvalho. *Lei 10.639\03 O Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasil escola. Canal do educador. Disponível em: Educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/lei-10639-03-. Acessado em: 14/08/16.

OLIVEIRA, Kiusam de. *OMO-OBA: Histórias de Princesas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Personagem negros na literatura infanto-juvenil. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etienne Mendes Caminhos da Leitura Literária. (org.). *Caminhos da Leitura Literária*. Campina Grande. Bagagem. (2009) p.156-163.

OYÀ, Dayane. *Candomblé: O mundo dos Orixás-Dicionário*. Disponível em: <https://ocandomble.com/vocabulario-ketu>. Acessado em: 14/08/16.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da Literatura Infanto-Juvenil*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. São Paulo. Editora Ática, 1987.